

DA MESMA AUTORA DE **GRITOS NO SILÊNCIO**

# ANGELA MARSONS

## JOGOS MALIGNOS

MAIS DE  
**3 MILHÕES**  
DE LIVROS  
VENDIDOS NO  
MUNDO

 GUTENBERG

# **JOGOS MALIGNOS**

ANGELA  
MARSONS  
**JOGOS  
MALIGNOS**

TRADUÇÃO DE **Marcelo Hauck**

  
GUTENBERG

Copyright © 2015 Angela Marsons  
Copyright © 2019 Editora Gutenberg

Título original: *Evil Games*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Marsons, Angela

Jogos malignos / Angela Marsons ; tradução de Marcelo Hauck. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Gutenberg Editora, 2019.

Título original: Evil Games.

ISBN 978-85-8235-577-0

1. Ficção inglesa I. Título.

19-24608 CDD-823

Índices para catálogo sistemático:1. Ficção : Literatura inglesa 823

Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

A **GUTENBERG** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA** ©

**São Paulo**

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I 23º andar . Conj. 2310-2312 . Cerqueira César . 01311-940 São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

[www.editoragutenberg.com.br](http://www.editoragutenberg.com.br)

**Belo Horizonte**

Rua Carlos Turner, 420 Silveira . 31140-520 Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3465 4500

Este livro é dedicado à minha avó, Winifred Walford. Minha melhor amiga,  
com quem nenhum tempo neste mundo teria sido suficiente.

# CAPÍTULO 1

Black Country

Março de 2015

**FALTAM TRÊS MINUTOS.**

Batidas matinais não tinham como ser mais grandiosas do que essa. Levaram meses para montar o caso. E, nesse momento, Kim Stone e sua equipe estavam prontos. Os assistentes sociais posicionaram-se do outro lado da rua, onde receberiam o sinal para entrar. Duas garotinhas não dormiriam ali nesta noite.

*Faltam dois minutos.*

Ela orientou pelo rádio:

– Todos em suas posições?

– Aguardando seu comando, chefe – respondeu Hawkins.

Sua equipe, estacionada a duas ruas, estava preparada para vigiar os fundos da propriedade.

– A postos, chefe – disse Hammond, do carro logo atrás. Era ele quem estava de posse da “grande chave” que garantiria uma entrada rápida e atordoante.

Falta um minuto.

A mão de Kim pairava acima da maçaneta. Tencionava os músculos e, com uma descarga de adrenalina nascida do perigo iminente, seu corpo fazia a escolha entre atacar ou fugir. Como se fugir tivesse sido uma opção em algum momento.

Ela virou para encarar Bryant, seu parceiro, que tinha o mais importante: o mandado.

– Bryant, está pronto?

Ele fez que sim com um movimento de cabeça.

Erika observou o ponteiro dos segundos atingir o doze.

– Vai, vai, vai – ordenou pelo rádio.

– Oito pares de botas trovejaram na calçada e convergiram para a porta. Kim foi a primeira a chegar. Ficou de lado enquanto Hammond bateu o aríete na porta. A madeira do batente vagabundo arrebentou contra as três toneladas de energia cinética. Como combinado na reunião de planejamento, Bryant e um guarda correram escada acima até o quarto principal para apresentar o mandado.

– Brown, Griff, fiquem com a sala e a cozinha. Deponem o lugar se precisarem. Dawson, Rudge, Hammond, vocês vêm comigo.

Imediatamente, a casa foi tomada pelo som de portas de armários sendo abertas e de gavetas sendo fechadas com força. Tábuas do assoalho no andar acima rangiam e uma mulher pranteava histericamente. Kim ignorou-a e deu sinal para os dois assistentes sociais entrarem na propriedade.

Ela parou diante da porta do subsolo. Havia um cadeado na maçaneta.

– Hammond, alicate grande para cortar isto – ordenou.

O policial se materializou ao lado dela e, com habilidade, cortou o metal.

Dawson entrou na frente, tateando a parede em busca do interruptor.

Um funil de luz da entrada da casa iluminava os degraus de pedra. Dawson desceu, acendeu a lanterna e iluminou o caminho debaixo dos pés. Um cheiro rançoso de fumaça e umidade saturava o ar.

Hammond dirigiu-se a um canto onde havia um refletor. Acendeu-o. O feixe estava apontado para o colchonete de academia que dominava o meio do cômodo. Havia um tripé logo depois dele. No canto contrário, erguia-se um guarda-roupa. Kim o abriu e viu uma série de figurinos, inclusive um uniforme escolar e roupas de banho. Pelo chão do guardaroupa, espalhavam-se: uma boia redonda, uma bola de praia e bonecas.

Kim lutou para segurar a náusea.

– Rudge, tire fotos – instruiu ela.

Hammond cutucou cada uma das paredes em busca de espaços secretos.

No canto mais distante, em uma alcova, havia uma mesa com um computador e, acima dela, três prateleiras. A de cima estava abarrotada de revistas, as lombadas finas não ofereciam pistas sobre o conteúdo, porém Kim sabia o que eram. A prateleira do meio continha uma série de câmeras

digitais, minidisks e equipamento de limpeza. Na mais baixa, contou dezessete DVDs.

Dawson pegou o primeiro, em que estava escrito *Daisy vai nadar* na etiqueta, e o pôs no disc drive. O equipamento de alta tecnologia começou a funcionar rapidamente.

Daisy, aos 8 anos, apareceu na tela de biquíni amarelo. A boia circundava sua pequenina cintura. Os braços magros abraçavam a parte superior do corpo, o que não era suficiente para fazê-la parar de tremer.

A emoção agarrou a garganta de Kim. Queria arrancar os olhos daquilo, mas não podia. Fingiu para si mesma que era possível impedir o que estava prestes a acontecer – mas é claro que não podia, pois já havia acontecido.

– O q... o que agora, papai? – perguntou a voz trêmula de Daisy.

Toda a atividade parou. O subsolo ficou em silêncio. Os quatro policiais enrijecidos foram paralisados pela voz da garotinha e não emitiam som algum.

– A gente vai brincar de uma coisinha, só isso, querida – disse o pai, aparecendo na tela.

Kim engoliu em seco e voltou a si.

– Desliga isso, Dawson – sussurrou ela. Todos sabiam o que aconteceu depois.

– Filho da mãe – xingou Dawson, com os dedos tremendo ao recolocar o disco na capa.

Hammond olhou para o canto e Rudge limpava devagar as lentes de sua câmara.

Kim se recompôs:

– Pessoal, vamos fazer esse bosta pagar pelo que fez. Prometo isso a vocês.

Dawson pegou os documentos para relacionar todas as possíveis provas. Tinha uma longa noite pela frente.

Kim escutou uma comoção lá em cima. Uma mulher gritando histericamente.

– Chefe, a senhora pode vir aqui em cima? – chamou Griff.

Kim deu uma última olhada ao redor e falou:

– Despedacem este lugar, pessoal.



Ela se encontrou com o policial no topo da escada do cômodo no subsolo:

– O quê?

– A esposa está exigindo algumas respostas.

Kim foi pisando duro até a porta, onde uma mulher na faixa dos 40 e poucos anos agarrava-se ao roupão que cobria seu corpo esquelético. Assistentes sociais puseram suas duas trêmulas filhas em um Fiat Panda.

Sentindo Kim atrás de si, Wendy Dunn se virou. Seus olhos estavam vermelhos no rosto sem cor.

– Pra onde estão levando minhas filhas?

Kim controlou a vontade espancá-la.

– Pra longe do seu marido doente e pervertido.

A esposa apertou o próprio colarinho da roupa que vestia. Ela balançava a cabeça de um lado para o outro:

– Eu não sabia, juro que eu não sabia. Quero minhas filhas. Eu não sabia.

Kim inclinou a cabeça:

– Sério? As esposas tendem a não acreditar até mostrarem provas a elas. Você não viu nenhuma prova até agora, viu, sra. Dunn?

Os olhos da mulher lançaram-se para todos os lados menos de volta a Kim.

– Juro pra você. Eu não sabia.

Kim inclinou-se para a frente, com a imagem de Daisy fresca na cabeça.

– Você é uma mentirosa. Você sabia. É mãe delas e deixou que ficassem perturbadas para sempre. Espero que nunca mais tenha um momento de paz pelo resto dessa droga de vida desgraçada.

Bryant apareceu ao lado dela.

– Chefe...

Kim retirou lentamente os olhos da mulher trêmula e se virou.

Olhou, por cima do ombro de Bryant, direto nos olhos do homem responsável por garantir que aquelas duas meninas nunca mais enxergassem o mundo como deveriam. Tudo mais na casa desapareceu gradativamente, e durante alguns segundos restaram apenas os dois.

Encarou-o de cara fechada e notou o excesso de pele flácida dependurada em sua queixada como cera derretida. Ele respirava rápida e ofegantemente, seu corpo de 250 quilos ficava exausto por qualquer movimento.

– Porra... você não pode... vir aqui... e fazer qualquer... merda que quiser.

Ela caminhou na direção dele. Sentia a aversão tomar conta de si à medida que diminuía o espaço entre eles.

– Tenho um mandado que diz que posso, sim.

Ele meneou a cabeça:

– Saia da... minha casa... antes que eu chame o meu... advogado.

Ela tirou as algemas do bolso de trás.

– Leonard Dunn, você está preso pela suspeita de manter relações sexuais com uma criança menor de 13 anos, abuso sexual infantil e de compelir uma criança a envolver-se em atividade sexual.

Seus olhos perfuravam os dele. Kim só enxergava pânico.

Ela abriu as algemas enquanto Bryant agarrava os antebraços de Dunn para juntá-los.

– Tem o direito de permanecer calado, mas poderá prejudicar sua defesa se, quando interrogado, não mencionar algo que queira usar posteriormente no tribunal. Tudo que disser poderá ser considerado prova.

Ela fechou as algemas, tomando cuidado para não encostar na pele branca cabeluda. Jogou os braços dele para longe de si e olhou para o parceiro.

– Bryant, tire esse doente idiota da minha vista antes que eu faça alguma coisa de que nós dois vamos nos arrepender.

## CAPÍTULO 2

**KIM SENTIU O AROMA** de loção pós-barba antes de quem o estava usando aparecer.

– Sai fora, Bryant, não estou em casa.

Seu corpo de um metro e oitenta se curvou por baixo da porta da garagem, que estava suspensa até a metade.

Ela tirou o som do iPod, silenciando as notas prateadas do concerto *Inverno*, de Vivaldi.

Apanhou um trapo qualquer, limpou as mãos e, usando todos os centímetros de seu um metro e setenta e cinco, encarou-o. Passou a mão direita instintivamente pelo curto cabelo preto volumoso. Bryant sabia que aquele era seu hábito pré-batalha. Ela pôs a mão errante na cintura.

– O que você quer?

Ele andou pra lá e pra cá, evitando a explosão de peças de moto que literalmente emporcalhavam o chão da garagem.

– Jesus Cristo, o que isso vai querer ser quando crescer?

Kim acompanhou o olhar de Bryant pelo espaço. Para ele, aquilo parecia um cantinho de ferro-velho. Para ela, era um tesouro perdido. Tinha levado quase um ano para localizar todas as peças para montar aquela motocicleta e estava empolgadíssima.

– É uma BSA Gold Star 1954.

Ele suspendeu a sobrancelha direita.

– Vou acreditar em você dessa vez.

Os olhos deles se encontraram, e Kim aguardou. Aquele não era o motivo da visita dele e ambos sabiam disso.

– Você não foi lá ontem à noite – comentou ele, pegando o coletor de descarga no chão.

– Bela dedução, Sherlock. Você deveria pensar em ser detetive.

Ele sorriu, depois ficou sério:

– Era uma comemoração, chefe.

Ela semicerrou os olhos. Ali, em sua casa, ela não era detetive inspetora e ele não era detetive sargento. Ela era Kim e ele, Bryant: seu parceiro e o que mais se aproximava de um amigo.

– Tá bom, deixa pra lá. Onde você estava? – perguntou ele com a voz suave. Não tinha o tom de acusação que ela estava esperando.

Ela tomou a descarga da mão dele e colocou-a na bancada.

– Pra mim, não era comemoração.

– Mas nós pegamos o sujeito, Kim.

E, nesse momento, Bryant falou como amigo.

– É, mas não pegamos a mulher.

Ela estendeu o braço para apanhar o alicate. Algum idiota havia prendido o cano de distribuição ao escapamento com um parafuso três centímetros maior do que o certo.

– Não temos provas suficientes para indiciá-la. Ela alega que não sabia de nada daquilo e a Promotoria Pública não consegue achar nada que prove o contrário.

– Então eles deveriam tirar as cabeças da bunda e procurar direito.

Ela prendeu o alicate na ponta do parafuso e começou a girar cuidadosamente.

– Fizemos o nosso melhor, Kim.

– Não é o bastante, Bryant. A mulher é a mãe delas. Ela deu à luz aquelas meninhas e depois permitiu que fossem usadas da pior maneira possível pelo próprio pai. Aquelas crianças nunca vão levar uma vida normal.

– Por causa dele, Kim.

Seus olhos perfuravam os do amigo.

– Ele é um doente filho da mãe. Qual é a desculpa dela?

Ele deu de ombros:

– Ela insiste que não sabia, que não havia indício nenhum.

Kim desviou rosto.

– Sempre há indícios.

A detetive girou o alicate cuidadosamente, tentando soltar o parafuso sem danificar o coletor de descarga.

– Não podemos sacudir a mulher pra tentar arrancar alguma coisa dela. Ela não dá o braço a torcer.

– Você está me falando que ela nunca se perguntou por que a porta do cômodo no subsolo ficava trancada, ou que ela nunca, nenhuma vez, chegou cedo em casa e sentiu que alguma coisa não estava certa?

– Não temos como provar isso. Fizemos o nosso melhor.

– É, mas isso não é o bastante, Bryant. Não chega nem perto. Ela era a mãe. Devia ter protegido as meninas.

Kim fez mais força e girou o alicate no sentido anti-horário.

O fixador estourou e afundou no coletor de descarga.

Ela arremessou o alicate na parede:

– Droga, levei quase quatro meses pra achar essa porcaria de escapamento.

Bryant meneou a cabeça.

– Não é a primeira porca que você quebra, é?

Apesar de sua raiva, um sorriso surgiu em seus lábios.

– E tenho certeza de que não vai ser a última. – Ela assentiu com a cabeça.

– Pega aquele alicate pra mim?

– Um “por favor” seria legal. Seus pais não te deram educação, mocinha?

Kim ficou calada. Tinha aprendido muito com suas sete famílias adotivas e grande parte do que aprendeu não era legal.

– Mas o pessoal gostou da conta que você deixou paga no bar.

Ela o olhou e suspirou. Sua equipe merecia a comemoração. Tinham trabalhado duro para montar o caso. Leonard Dunn não seria visto livre durante muito tempo.

– Se vai ficar, seja útil e sirva um café pra gente... por favor.

Ele saiu balançando a cabeça na direção da porta que levava à cozinha.

– Tem café pronto?

Kim não se deu ao trabalho de responder. Se ela estava em casa, havia café pronto.

Enquanto ele fazia bagunça na cozinha, Kim se pegou novamente surpresa pelo fato de que não havia ressentimento da parte do colega por ela ter sido promovida em um ritmo muito mais rápido que o dele. Aos 46, Bryant não

tinha o menor problema em receber ordens de uma mulher cuja carreira havia começado vinte anos após a dele.

Bryant entregou-lhe uma caneca e apoiou-se novamente na bancada:

– Vi que está cozinhando de novo.

– Experimentou um?

Ele deu uma gargalhada.

– Que nada, estou tranquilo. Quero viver, e não como nada que não posso nomear. Eles parecem minas terrestres afegãs.

– É biscoito.

Ele balançou a cabeça e disse:

– Por que você se mete com isso?

– Porque sou um lixo nisso.

– Ah tá, é claro.

– Se distraiu de novo, não foi? Viu um pedacinho de cromado que precisava de uma polida ou um parafuso que...

– Você realmente não tem nada melhor pra fazer no sábado de manhã do que isso?

– Não, as mulheres da minha vida estão fazendo as unhas. Então, não, não tenho nada melhor pra fazer do que ficar te enchendo o saco até não querer mais.

– Tá bem, mas posso te fazer uma pergunta pessoal?

– Olha só, sou feliz no meu casamento e você é minha chefe, então a resposta é não.

Kim soltou um gemido e disse:

– Bom saber. Mas então por que você não cria coragem pra falar com a sua patroa que não quer ficar com cheiro de camarim de *boy band*?

Ele balançou a cabeça e olhou para o chão:

– Não posso. Não falo com ela há semanas.

Kim virou-se, alarmada.

– Por que não?

Ele levantou a cabeça e abriu um sorriso:

– Porque não gosto de interromper.

Kim balançou a cabeça e olhou o relógio:

– Ok, termine o seu café e saia já daqui.

Ele virou a caneca.

– Adoro sua sutileza, Kim – disse ele a caminho da porta da garagem. Virou-se. A expressão em seu rosto perguntava se ela estava bem.

Sua resposta foi um rosnado.

Quando ele arrancou o carro, Kim respirou fundo. Tinha que esquecer aquele caso. O fato de Wendy Dunn ter permitido que as filhas fossem abusadas sexualmente fazia o maxilar dela doer. A ciência de que aquelas duas garotinhas seriam devolvidas à mãe a enojava. Elas ficarem novamente sob os cuidados da pessoa que supostamente deveria protegê-las era algo que a assombraria.

Kim jogou o trapo usado na bancada e baixou a porta da garagem. Tinha que visitar a família.

## CAPÍTULO 3

**KIM PÔS AS ROSAS BRANCAS** em frente à lápide que carregava o nome de seu irmão gêmeo. A ponta da pétala mais alta caiu logo abaixo das datas que assinalavam a duração de sua vida. Seis curtos anos.

A floricultura a qual tinha ido resplandecia com cestas de narcisos, a flor sinônimo do Dia das Mães. Kim odiava narcisos, porém, acima de tudo, odiava a mãe. Que flor se comprava para uma mulher má e assassina?

Ela endireitou o corpo e olhou para a grama recentemente cortada. Era difícil não visualizar o débil e macilento corpo que tinha sido arrancado de seus braços 28 anos antes.

Ansiava lembrar o rosto doce e confiante dele, cheio de alegria inocente e risos de infância. Mas não conseguia.

Não importava quantos anos haviam se passado, o ódio nunca a abandonava. O fato de a curta vida dele ter sido preenchida por tanta tristeza, tanto medo, a assombrava todos os dias.

Kim abriu o punho direito cerrado e acariciou o mármore frio como se afagasse o curto cabelo preto do irmão, tão parecido com o dela. Queria desesperadamente lhe dizer que sentia muito. Que sentia por não ter conseguido protegê-lo e que sentia muito por não ter conseguido mantê-lo vivo.

– Mikey, amo você e sinto sua falta todos os dias. – Ela deu um beijo nos dedos e o transferiu para a pedra. – Durma bem, meu anjinho.

Olhou uma última vez antes de virar-se e ir embora.

A Kawasaki Ninja lhe aguardava de fora dos portões do cemitério. Certos dias, a motocicleta era 600 cilindradas de puro poder que a transportavam de um lugar ao outro.

Pôs o capacete e arrancou, afastando-se do meio-fio. Hoje, precisava fugir.

Ela atravessou Old Hill e Cradley Heath, cidades de Black Country, que no passado vicejavam aos sábados com consumidores que iam das lojas ao



mercado, depois ao café para colocarem o papo da semana em dia. Mas as marcas famosas tinham se transferido para os centros comerciais, levando os consumidores e a vívida animação com elas.

O desemprego em Black Country era o terceiro mais alto do país e jamais se recuperou do declínio da indústria do carvão e do aço, que havia prosperado no período vitoriano. As fundições e siderúrgicas foram demolidas e abriram caminho para parques industriais e prédios residenciais.

Mas, agora, Kim não queria passear por Black Country. Queria andar de moto, com tudo.

Saiu de Stourbridge na direção de Stourton e de uma estrada de 29 quilômetros que se estendia até a pitoresca cidade de Bridgnorth. Não tinha interesse algum nas lojas e nos cafés às margens do rio. Só o que ela queria era pilotar.

À placa preta e branca, acelerou. A aguardada descarga de adrenalina rasgou por suas veias enquanto o motor ganhava vida sob ela. Inclinou-se sobre a máquina e apoiou os seios no tanque de combustível.

Uma vez libertada, a força da moto desafiava todos os músculos de seu corpo. Conseguia sentir a impaciência e agitação dela querendo explodir. E, às vezes, ficava tentada a deixar isso acontecer.

Anda, me peguem, pensou ela quando o joelho direito beijou o chão em uma repentina curva fechada. Estou esperando, seus filhos da mãe, estou esperando.

De vez em quando, ela gostava de provocar os demônios. Gostava de incitar o destino que lhe havia sido negado quando não morreu com o irmão.

E eles a pegariam algum dia. Era apenas uma questão tempo.

## CAPÍTULO

### 4

A DRA. ALEXANDRA THORNE circulou o consultório pela terceira vez, um costume antes de reunir-se com um cliente importante. Pelo que sabia, sua primeira paciente do dia não havia conquistado nada extraordinário nos seus 24 anos de existência. Ruth Willis não tinha salvado a vida de ninguém. Não tinha descoberto um medicamento novo nem sido um membro particularmente produtivo da sociedade. Não, a insignificância da existência de Ruth servia apenas para beneficiar Alex. Um fato que a própria cobaia ignorava alegremente.

Alex continuou sua inspeção com olho crítico e sentou-se na cadeira reservada aos pacientes – por uma boa razão. Feita com um couro italiano curtido no sangue do animal, era uma poltrona que acariciava delicadamente as costas, oferecendo conforto e aconchego.

A cadeira estava posicionada obliquamente em relação à janela-guilhotina, de modo que o paciente tivesse visão dos diplomas que adornavam a parede atrás da réplica de uma escrivaninha regencial.

Em cima da mesa, havia uma foto levemente virada para que o paciente pudesse ver um homem jovem e atlético com dois meninos, todos sorrindo para a câmera. A reconfortante foto de uma linda família.

A parte mais importante dessa sessão em particular era a visibilidade do abridor de cartas, com cabo de madeira entalhada e lâmina fina comprida, que decorava a frente da mesa.

O som da campainha disparou um arrepio de expectativa por seu corpo. Perfeito, Ruth foi pontual.

Alex gastou um breve momento para dar uma conferida em sua própria aparência, dos pés à cabeça. Salto alto de oito centímetros acrescentados à sua altura natural de um metro e sessenta e sete. Suas compridas pernas magras estavam revestidas por uma calça social azul-marinho feita sob medida com um largo cinto de couro. Uma camisa branca de seda aprimorava

a ilusão de sutil elegância. Seu cabelo arrumado era castanho-avermelhado, liso, na altura dos ombros e tinha as pontas onduladas. Ela pegou os óculos na gaveta e os posicionou na ponte do nariz para completar o vestuário. O adereço era desnecessário para sua visão, contudo, imperativo para sua imagem.

– Bom dia, Ruth – cumprimentou Alex, abrindo a porta.

Ruth entrou, personificando o dia lúgubre lá fora. Com o rosto sem vida, os ombros caídos e deprimida.

– Como tem passado?

– Não muito bem – respondeu, sentando em seu lugar.

Alex parou à cafeteira.

– Você o viu de novo?

Ruth negou com a cabeça, mas Alex sabia que ela estava mentindo.

– Você voltou?

Ruth desviou o olhar, culpada, sem saber que tinha feito exatamente o que Alex queria.

Ruth tinha 19 anos e era uma promissora aluna de Direito quando foi brutalmente estuprada, espancada e deixada à mercê da morte a pouco menos de duzentos metros de casa.

As impressões digitais na mochila de couro que havia sido arrancada à força das costas dela revelou que o estuprador era Allan Harris, de 38 anos, cujas informações estavam no banco de dados do sistema devido a um furto cometido aos 20 e tantos anos.

Ruth enfrentou um julgamento árduo e viu o criminoso receber uma sentença de doze anos.

A garota fez o melhor que pôde para recompor a vida, mas o ocorrido mudou completamente sua personalidade. Tornou-se introvertida, largou a faculdade e perdeu o contato com os amigos. A orientação psicológica subsequente foi incapaz de devolver a ela qualquer semblante de vida normal. Sua existência consistia em agir automaticamente. Porém, mesmo essa frágil fachada foi destruída alguns meses antes, quando passou por um pub na Thorns Road e viu seu agressor saindo de lá com um cachorro ao lado.

Alguns telefonemas confirmaram que Allan Harris estava solto por bom comportamento depois de cumprir menos da metade da pena. Essa notícia levou a garota a uma tentativa de suicídio, e a ordem judicial levou a garota à Alex.

Durante a última sessão, Ruth admitiu que passava todas as noites em frente ao pub, nas sombras, só para vê-lo.

– Caso não se lembre, eu a aconselhei a não voltar mais lá na última vez em que nos encontramos. – Isso não era totalmente mentira. Alex a *tinha* aconselhado a não voltar lá, contudo não tão incisiva quanto poderia ter sido.

– Eu sei, mas eu tinha que ver.

– Mas o quê, Ruth? – Alex esforçou-se para suavizar a voz. – O que você estava com esperança ver?

Ruth agarrou o braço da cadeira.

– Quero saber porque que ele fez aquilo. Quero ver no rosto dele, saber se ele se arrepende, se sente alguma culpa por destruir a minha vida. Por me destruir.

Alex movimentou a cabeça com compaixão, ela tinha que seguir em frente com aquilo. Tinha que conseguir muita coisa em um curto período.

– Você se lembra do que conversamos na última sessão?

O rosto contraído de Ruth ficou apreensivo. Ela respondeu que sim com um gesto de cabeça.

– Sei o quanto isso será difícil para você, mas é essencial para o processo de cura. Confia em mim?

Ruth fez que sim sem hesitação.

Alex sorriu.

– Ótimo, estou aqui para te proteger. Comece do início. Conte-me o que aconteceu naquela noite.

Ruth respirou fundo várias vezes e cravou os olhos acima da mesa de canto. Perfeito.

– Era sexta-feira, 17 de fevereiro. Fui à aula e tinha uma montanha de conteúdos pra estudar. Alguns amigos iam sair pra beber em Stourbridge para comemorar algo, aquelas coisas que estudantes fazem. Fomos a um pub pequeno no centro da cidade. Quando saímos, dei uma desculpa e fui pra casa

porque não queria ter ressaca. Perdi o ônibus por uns cinco minutos. Tentei pegar um táxi, mas era o horário em que as pessoas mais saem para as boates na sexta-feira à noite. Eu teria que esperar vinte minutos e eram pouco mais de dois quilômetros até Lye, então decidi ir caminhando.

Ruth pausou e deu um gole no café com a mão trêmula. Alex se perguntou quantas vezes nos anos posteriores ao ocorrido ela não tinha desejado ter esperado pelo táxi.

Alex gesticulou a cabeça para que ela continuasse.

– Saí do ponto de táxi perto da parada do ônibus e liguei o iPod. Estava gelado, então andei depressa e cheguei à High Street de Lye em uns quinze minutos. Entrei em um Spar e comprei um sanduíche porque não havia comido desde a hora do almoço.

A respiração de Ruth ficou mais ofegante e ela parou de piscar enquanto recordava o que aconteceu depois.

– Continuei a andar, tentando abrir a porcaria da embalagem de plástico. Não ouvi coisa alguma. Nada. A princípio, achei que um carro tinha me atropelado por trás, mas depois percebi que estava sendo arrastada para trás pela mochila. Quando entendi o que estava acontecendo, uma mão enorme já tampava a minha boca. O sujeito estava atrás de mim, por isso eu não tinha como bater nele. Fiquei esperneando, mas não conseguia alcançá-lo. Tive a sensação de que ele me arrastou por quilômetros, mas foram só uns cinquenta metros para dentro da escuridão do cemitério da High Street.

Alex percebeu que a voz de Ruth se tornou distante, fria, como se recitasse um evento ocorrido com outra pessoa.

– Ele enfiou um pano na minha boca e me jogou no chão. Bati a cabeça na lateral de uma lápide e sangue escorreu pela minha bochecha. Nessa hora, ele estava esticando o braço para abrir o zíper da minha calça, e eu só conseguia pensar no sangue. Era uma quantidade tão grande. Ele puxou a calça até o meu tornozelo. Colocou o pé na minha panturrilha e soltou seu peso nela. Tentei ignorar a dor e fiz força para levantar. Ele deu um chute no lado direito da minha cabeça, depois ouvi o barulho dele abaixando o zíper e da calça roçando pelas suas pernas.

Ruth respirou fundo.

– Foi só aí que eu percebi que ele ia me estuprar. Tentei gritar, mas o pano na minha boca abafou o som. Ele arrancou a mochila de mim e usou o joelho para separar as minhas pernas. Abaixou até mim e enfiou atrás. A dor era tão horrenda que eu não conseguia respirar e os gritos não atravessavam o pano na minha boca. Perdi a consciência algumas vezes e sempre que voltava rezava para morrer.

Lágrimas começaram a rolar pelas bochechas de Ruth.

– Prossiga.

– Na minha impressão, aquilo durou horas até ele terminar. Aí o cara levantou depressa, fechou o zíper e se abaixou. Sussurrou no meu ouvido: “Espero que tenha sido bom pra você, querida”. Deu outro chute na minha cabeça e foi embora. Eu apaguei e só voltei a mim quando estava sendo colocada em uma ambulância.

Alex estendeu o braço e segurou a mão de Ruth. Estava fria como gelo e trêmula. A psiquiatra não ouvia com tanta atenção. Precisava acelerar aquilo.

– Quanto tempo você ficou no hospital?

– Quase duas semanas. Os ferimentos na cabeça cicatrizaram primeiro, parece que machucados na cabeça sangram muito. O problema foi a outra coisa.

A paciente sentia-se desconfortável ao falar do outro ferimento, mas Alex precisava que Ruth sentisse a dor e humilhação de tudo aquilo.

– Quantos pontos mesmo?

Ruth estremeceu.

– Onze.

Alex observava o maxilar de Ruth ficar cada vez mais tenso à medida que recordava o horror de seu inferno particular.

– Ruth, não consigo sequer começar a entender o que você passou e sinto por ter que fazê-la reviver aquilo, mas é necessário para a sua cura de longo prazo.

Ruth gesticulou a cabeça e fixou em Alex um olhar de total confiança.

– Então, em suas próprias palavras, o que o monstro tirou de você?

Ruth pensou um momento.

– Luz.

– Prossiga.

– Nada mais tem luz. Na minha cabeça, antes daquela noite eu via tudo com luz. O mundo era luz, mesmo um dia nublado e tempestuoso era iluminado, mas agora parece que a minha visão tem um filtro que deixa tudo mais escuro. Os dias de verão não são tão luminosos, piadas não têm graça, só faço as coisas por obrigação. Minha visão do mundo e de todos nele, inclusive das pessoas que amo, mudou para sempre.

– O que motivou a tentativa de suicídio?

Ruth descruzou e recruzou as pernas.

– Quando o vi, fiquei em choque no início. Não acreditei que ele pudesse ser solto tão rápido, que a justiça tinha falhado de maneira tão terrível comigo, mas era mais do que isso – disse ela, como se finalmente se desse conta de algo que não havia explorado antes. – Foi a percepção de que eu jamais me livraria do ódio que está dentro de mim. Ódio puro corre pelas minhas veias... e isso é exaustivo. Percebi que ele sempre teria esse poder sobre mim, e que não há nada que eu possa fazer sobre isso. Só vai acabar quando um de nós morrer.

– Mas por que tinha que ser você e não ele?

Ruth ponderou:

– Porque essa é a única opção que posso controlar.

Alex a encarou alguns segundos, depois fechou o bloco de notas e o pôs sobre a mesa.

– Talvez não – disse ela, ponderadamente, como se fosse uma ideia que tivesse acabado de lhe ocorrer, quando, na verdade, era o que estava buscando o tempo todo em que estavam juntas. – Você estaria disposta a participar de um experimento?

Ruth hesitou.

– Você confia em mim?

– É claro.

– Gostaria de tentar algo que acho que pode ajudar. Acho que podemos devolver um pouco da luz a você.

– Sério? – interrogou Ruth, pateticamente, na esperança de uma porcaria de um milagre.

– Seríssimo. – Alex inclinou-se para a frente e apoiou os cotovelos nos joelhos. – Antes de começarmos, preciso que compreenda que isso é um exercício visual e simbólico.

Ruth concordou com um movimento de cabeça.

– Ok, então, olhe para a frente e faremos uma jornada juntas. Se coloque fora do pub onde ele bebe, mas você não é uma vítima. Você se sente forte, confiante, justa. Não está com medo de ele sair do pub, e sim ansiosa. Aguardava essa oportunidade. Não está esgueirando-se nas sombras e não sente medo.

As costas de Ruth endireitaram-se e o maxilar moveu-se alguns poucos centímetros adiante.

– Ele sai do pub e você caminha alguns metros atrás. É uma mulher sozinha atrás de um adulto, e não está com medo. Segura com força uma faca dentro do bolso do casaco. Está confiante e no controle.

Alex viu os olhos de Ruth despencarem na direção do abridor de cartas, e ali permaneceram. Perfeito.

– No final da rua, ele vira no beco. Você aguarda o momento perfeito em que não há ninguém por perto e acelera o passo. Está a pouco mais de meio metro e diz: “Com licença”. Ele vira com uma expressão surpresa e você pergunta se ele tem horas.

A respiração de Ruth tinha acelerado ao pensamento de estar cara a cara com o agressor, mesmo na encenação, mas ela engoliu em seco e com um gesto de cabeça autorizou a psiquiatra a prosseguir.

– Quando ele levanta o pulso para ver o relógio, você crava a faca na barriga dele com o máximo de força que tem. Novamente sente a carne dele na sua, mas, desta vez, é você quem dita as regras. Ele olha para baixo em choque quando você recua. Ele olha para o seu rosto e a reconhece. Finalmente, sabe quem você é. Ele relembra brevemente aquela noite enquanto cai no chão. O sangue lhe mancha a camisa e empoça no chão ao redor dele. Você se afasta um pouco mais, observa o sangue sair do corpo e, à medida que ele escorre, carrega consigo todo o poder dele. Você observa a lamacenta poça de sangue e sabe que o controle dele se foi. Você se abaixa,



estende o braço e pega a faca. Assume novamente o controle, o seu destino, a sua *luz*.

O rosto de Ruth estava relaxado. Alex ficou tentada a oferecer-lhe um cigarro.

Deixou passar alguns minutos antes de falar.

– Você está bem?

Ruth fez que sim e desgarrou os olhos do abridor de cartas.

– Sente-se um pouco melhor?

– É surpreendente, me sinto melhor, sim.

– É um exercício simbólico que te dá uma representação visual da retomada de controle da sua vida.

– Eu me senti bem, quase como se tivesse sido purificada – respondeu Ruth com um sorriso sardônico. – Obrigada.

Alex deu um tapinha na mão de Ruth.

– Acho que é o suficiente por hoje. Mesmo horário na semana que vem?

Ruth concordou com um gesto de cabeça, agradeceu novamente e foi embora.

Alex fechou a porta depois que ela saiu e soltou uma gargalhada alta.

## CAPÍTULO 5

**KIM ENTROU NA DELEGACIA** a passos largos e com a cabeça zumbindo por causa do telefonema. Seu instinto não parava de lhe importunar com uma suspeita, mas ela torcia para que estivesse errada. É claro que ninguém seria tão idiota.

Com onze mil empregados, a Polícia de West Midlands era a segunda maior do país, atrás apenas da Polícia Metropolitana de Londres. A força era responsável por Birmingham, Coventry, Wolverhampton e Black Country.

Dividida em dez Unidades de Policiamento Locais (UPLs). Halesowen fazia parte da UPL de Dudley, uma das quatro delegacias de polícia sob a supervisão do superintendente chefe Young.

Halesowen não era a maior delas, mas a preferida de Kim.

– O que diabos aconteceu? – perguntou ela ao sargento responsável pelos prisioneiros. Ele corou instantaneamente.

– Foi o Dunn. Teve um pequeno hummm... acidente.

A suspeita estava correta – obviamente, existia alguém tão idiota assim.

– Um acidente muito ruim?

– Nariz quebrado.

– Jesus, Frank, por favor, me diga que você está testando a teoria de que eu não suporto piada.

– Infelizmente não, senhora.

Ela murmurou palavras.

– Quem?

– Dois policiais. Whiley e Jenks.

Kim conhecia os dois. Eles ocupavam extremos opostos na carreira da força policial. Whiley era policial havia 32 anos e Jenks, apenas 3.

– Vestiário, s...

– Me chame de senhora mais uma vez, Frank, e eu juro...

Kim não terminou de pronunciar as palavras, destrancou a porta que dava acesso ao interior da delegacia e virou à esquerda. Dois PCSOs\* caminharam

na direção dela. Ao verem o semblante da inspetora, dividiram-se como o Mar Vermelho para deixá-la passar.

Ela irrompeu furiosa no vestiário masculino sem bater e percorreu o caminho labiríntico dos escaninhos até encontrar seus alvos.

Whiley estava apoiado em um escaninho aberto com as mãos no bolso e Jenks, sentado no banco segurando a cabeça.

– Que droga vocês estavam pensando? – gritou Kim.

Jenks suspendeu os olhos para Whiley antes de virá-los para ela. Whiley deu de ombros e desviou o olhar. O moleque estava por conta própria.

– Desculpa... eu não consegui... tenho uma filha... eu...

Kim dedicou atenção total a Jenks:

– Igual à metade da droga da equipe que trabalhou dia e noite pra pegar o filho da mãe. – Ela deu um passo adiante, se abaixou e aproximou o rosto do dele. – Você tem alguma ideia do que acabou de fazer, do que colocou em risco? – vociferou ela.

Novamente, ele virou o rosto na direção de Whiley, que parecia aflito, mas não olhava para Jenks.

– Aconteceu tão rápido. Eu não... meu Deus...

– Nossa, espero que tenha valido muito a pena, porque quando o bom advogado dele o soltar por brutalidade policial, essa vai ser a única punição que ele vai receber.

Jenks não parava de balançar a cabeça apoiada nas mãos.

– Ele caiu... – disse Whiley, sem convicção.

– Quantas vezes?

Ele fechou o escaninho e desviou o olhar.

Uma visão de Leonard Dunn surgiu na cabeça de Kim. Ele dando tchau com um sorriso enquanto saía da sala de audiência. Livre para cometer abuso novamente.

Kim pensou nas horas de trabalho que sua equipe havia passado afundada naquele caso. Todos tinham trabalhado muito além da escala de serviço sem que a inspetora tivesse que lhes pedir para fazer isso. Em algumas ocasiões, até mesmo Dawson tinha sido o primeiro a chegar para trabalhar.

Como grupo, trabalhavam em uma variedade de casos que iam de agressão, a crimes sexuais, a assassinatos, e todos os casos se tornavam pessoais para alguns deles. Porém o caso daquelas duas meninas havia se tornado pessoal para todos.

Dawson era pai de uma bebê que havia, de alguma maneira, conquistado seu limitado afeto. Bryant tinha uma filha beirando os 30 anos, e Kim... bem, sete lares adotivos não deixam ninguém sem cicatrizes.

O caso não os abandonava um minuto sequer, seja no trabalho seja fora dele. Mesmo de folga, a mente vagueava para o fato de que as meninas ainda estavam presas naquela casa com o pai, em que cada minuto passado fora da delegacia era um minuto prolongado para duas vidas inocentes. Esse tinha sido um incentivo mais do que suficiente para fazerem horas extras.

Kim pensou na jovem professora que reuniu coragem para denunciar suas suspeitas às autoridades. Tinha arriscado sua reputação profissional e a possibilidade de sofrer escárnio por parte de todos ao seu redor, porém havia sido valente o bastante para seguir em frente.

A possibilidade de que tudo aquilo tinha sido em vão era como uma bola de demolição em seu estômago.

Kim olhou de um policial para o outro. Ninguém correspondeu.

– Nenhum de vocês dois tem nada a dizer para se defender?

Até para os seus próprios ouvidos, ela soava como uma diretora de colégio castigando uma dupla de alunos por colocar um sapo na gaveta dela.

Kim abriu a boca para falar algo mais, porém nem mesmo ela conseguia continuar a gritar diante de tamanho desespero.

Ela os encarou furiosa uma última vez antes de dar meia volta e sair do vestiário.

– Senhora, senhora... espere um minuto.

Ela virou-se e viu Whiley correndo em sua direção. Todos os fios brancos de seu cabelo e os centímetros de cintura a mais tinham sido adquiridos ao longo da carreira na força policial.

Ela parou e cruzou os braços.

– Eu... eu só quero explicar. – Ele deu uma inclinada de cabeça na direção do vestiário. – Ele simplesmente não aguentou, tentei impedir, mas ele foi

rápido demais. Olha só, a gente foi lá uma vez... um tempo atrás. Por causa de uma denúncia de violência doméstica, e Jenks estava se martirizando, porque a gente as tinha visto antes, entende? As meninas... aconchegadas no sofá. Tentei explicar que a gente não tinha como saber... como impedir aquilo...

Kim entendia a frustração. Mas, poxa, eles o tinham pegado.

– O que vai acontecer com o Jenks? Ele é um bom policial.

– Bons policiais não espancam suspeitos, Whiley – disse, embora ela tenha se sentido tentada algumas vezes.

Uma parte dela desejava que toda sala de audiência fosse equipada com um alçapão que abria e mandava todos os criminosos condenados por abuso infantil para um lugar especial no Inferno.

Whiley enfiou as mãos no fundo dos bolsos.

– Olha só... falta uma semana para eu me aposentar e...

Ah, nesse momento Kim entendeu. O que ele queria saber era como o episódio o afetaria.

Kim pensou no rosto de Dawson quando entraram no cômodo do subsolo da casa de Leonard Dunn e em como o primeiro DVD tinha paralisado todos eles. Visualizou Bryant ligando para a patroa e cancelando uma ida ao teatro porque não podia sair de sua mesa. Recordou as constantes fungadas e idas ao banheiro de Stacey. Como a mais nova integrante da equipe, a excelente jovem detetive tinha sido determinada a não demonstrar a profundidade de seus sentimentos para o restante da equipe.

E agora o caso provavelmente sequer chegaria à porcaria do tribunal.

Ela balaçou a cabeça para Whiley e disse:

– Quer saber de uma coisa, policial? Não estou nem aí.

## CAPÍTULO 6

**SATISFEITA DEPOIS DE SUA SESSÃO** com Ruth, Alex ficou diante dos certificados emoldurados que seus pacientes achavam tão reconfortantes. O diploma da Escola de Medicina da University College London, o MRCPsych, o ST-4 e o Certificado de Conclusão de Estudos Especializados. Eles representavam os anos mais árduos de sua educação, não devido ao trabalho duro – seu QI de 131 a fez tirar aquilo de letra –, mas pelo tédio do estudo e pelo enorme esforço para não expor a estupidez de seus colegas e professores.

De longe, o título mais fácil que conquistou foi o doutorado em Psiquiatria. O único certificado na parede que seus clientes realmente entendiam.

Alex não tinha orgulho algum das conquistas que aquela papelada representava. Não tinha dúvida de que alcançaria seus objetivos. Suas qualificações estavam expostas por uma única razão: confiança.

Após o período de estudos, Alex embarcou na segunda parte de seu plano mestre. Passou dois anos construindo um histórico, escrevendo artigos e estudos de caso dentro das frustrantes limitações da comunidade de profissionais que trabalham com saúde mental, o que lhe garantiria respeito. A opinião dos colegas não tinha como ser menos importante para Alex – a única motivação era a construção da reputação que seria inquestionável por anos. Na época em que estivesse pronta para dar início ao seu verdadeiro trabalho. Agora.

Durante aqueles anos, ela tinha sido forçada a vender sua expertise para o sistema judiciário, fornecendo avaliações psicológicas para uma grande rale emaranhada em processos judiciais. Uma necessidade desagradável, mas que a levou a ter contato com Tim, um adolescente vítima de uma família problemática. Era um indivíduo revoltado e mesquinho, mas um piromaníaco habilidoso. A avaliação de Alex tinha o poder de sentenciá-lo a uma longa pena em uma prisão para adultos ou a uma passagem rápida por uma unidade psiquiátrica.

Sempre engenhosa na utilização dos recursos disponíveis, Alex havia forjado uma parceria com Tim que beneficiaria os dois. Passou quatro meses na unidade psiquiátrica Forrest Hills e, após esse período, o rapaz deu início a um incêndio que gerou duas fatalidades e uma herança que rendeu a Alex o imóvel onde montou o consultório particular que usufruía agora. Um lugar onde ela poderia escolher a dedo as cobaias que gostaria de atender. Obrigada, papai e mamãe.

Tim, por fim, suicidou-se, o que foi muito conveniente para Alex, pois o rapaz acabou amarrando as próprias pontas soltas do caso.

Nada naqueles anos tinha sido desperdiçado. Todos os pacientes tinham servido a um propósito na construção de uma melhor perspectiva sobre as pessoas impulsionadas pela emoção: suas forças, suas motivações e, mais importante, suas fraquezas.

Às vezes, ela sentia-se atormentada pelo desejo de começar a pesquisa, porém o momento oportuno tinha sido orientado por dois fatores cruciais.

O primeiro era a construção de redes seguras. A reputação impecável que havia construído jogaria dúvida em qualquer acusação futura de má-conduta de que fosse acusada.

Adicionalmente, aguardou com paciência candidatos adequados se apresentarem. Seu experimento requeria indivíduos facilmente orientáveis e com um desejo subconsciente de cometer atos imperdoáveis. A sanidade da cobaia precisava estar intacta, porém com o potencial de ser desvairada, pois assim teria uma camada extra de segurança.

Alex soube que Ruth Willis seria perfeita para o estudo no primeiro encontro. Alex sentiu o desespero da mulher para retomar o controle de sua vida. A pobrezinha da Ruth sequer tinha ciência do quanto precisava daquele fechamento. Mas Alex sabia – e era só isso que importava. Meses de paciência tinham-na levado a esse momento. Ao gran finale.

Tinha escolhido uma cobaia cujas alegações seriam, caso algo desse errado, rejeitadas. E investido tempo para certificar-se de que ela não fracassaria. Houve outros candidatos ao longo do percurso, indivíduos cortejados pelo privilégio de serem escolhidos, mas no final Ruth foi a eleita.

Seus outros pacientes eram irrelevantes, meios para atingir um fim. Tinham o prazer de financiar o invejável estilo de vida da psiquiatra, enquanto ela conduzia seu verdadeiro trabalho.

Alex tinha passado muitas horas olhando, reconfortando e tranquilizando seus pacientes enquanto fazia mentalmente a lista de compras ou desenvolvia a parte seguinte de seu plano, isso a um custo de 300 libras por hora.

O pagamento do BMW Z4 foi bancado pela esposa de um chefe de polícia que sofria de cleptomania provocada por estresse. Alex gostava do carro, ou seja, provavelmente aquela paciente não se recuperaria tão cedo.

O aluguel de duas mil libras por mês pela propriedade vitoriana de três andares em Hagley era pago pela dona de uma cadeia de imobiliárias cujo filho sofria de complexo de perseguição paranoico e consultava com ela três vezes por semana. Algumas palavras bem escolhidas, largadas casualmente em uma conversa, subconscientemente reforçavam as crenças dele e garantiam que sua recuperação também fosse lenta.

Ela parou diante do retrato que ocupava o lugar de destaque acima da lareira. Gostava de olhar dentro das profundezas dos olhos frios e insensíveis e se perguntava se ele a teria compreendido.

Era uma suntuosa pintura a óleo que tinha encomendado a partir de uma granulada foto preta e branca do único ancestral que Alex conseguiu localizar de quem ela tinha algum orgulho.

Tio Jack, como ela gostava de chamá-lo, tinha sido um “Higgler”, mas conhecido como carrasco nos anos 1870. Diferentemente da cidade de Bolton, que tinha os Billington, e Huddersfield, que tinha os Pierrepoints, Black Country não tinha dinastia familiar que realizava uma pavorosa tarefa, e o Tio Jack tropeçou nesse negócio por acidente.

Preso por não sustentar a família, Tio Jack foi encarcerado em Stafford Prison durante uma visita de William Calcraft, o carrasco mais antigo da época, com um histórico de aproximadamente 450 enforcamentos de homens e mulheres em seu nome.

Nesse dia em particular, Calcraft chegou para fazer dois enforcamentos, portanto precisava de um voluntário. Tio Jack foi o único recluso a se oferecer. Calcraft preferia queda curta, o que produzia uma morte lenta e



agonizante e que requeria que o assistente balançasse as pernas do condenado para acelerar a morte.

Tio Jack achou o seu ponto forte. E desde então passou a viajar pelo país como carrasco.

Ficar diante de seu retrato sempre dava a Alex uma sensação de pertença, uma afinidade com um membro de sua distante família.

Ela deu um sorriso para o rosto impiedoso e sem emoção.

– Oh, se pelo menos as coisas fossem tão simples quanto na sua época, Tio Jack. – Alex sentou-se à mesa de canto. Finalmente, sua *magnus opum* estava a caminho. Sua jornada para encontrar as respostas às perguntas que a intrigavam havia anos tinha começado.

Ela deu um comprido e presunçoso suspiro antes de estender a mão na direção da gaveta de cima para pegar uma folha Clairefontaine e a caneta Mont Blanc.

Era hora de se divertir do seu jeito.

*Estimada Sarah*, começou ela.

## CAPÍTULO

### 7

RUTH WILLIS ESTAVA PARADA às sombras da porta de uma loja com os olhos apontados para o parque. O frio subia do chão, atravessava seus pés e penetrava nas pernas como uma estaca de metal. O odor de urina a rodeava. A lata de lixo à direita transbordava imundície. Havia maços embolados e bitucas de cigarro espalhadas no asfalto.

O exercício de visualização era cristalino em sua cabeça. Alex encontrava-se ao lado dela.

– **Não está esgueirando-se nas sombras e não sente medo.**

Ela não sentia medo, apenas o nervosismo da expectativa vivenciada pela última vez logo antes do resultado do vestibular. Na época em que ainda era uma pessoa real.

– **Não está com medo de ele sair do pub, e sim ansiosa.**

Será que ele se sentiu assim na noite em que tirou a luz dela? Será que ele estremeceu de excitação ao vê-la sair do supermercado? Será que ele teve a sensação de justiça que atravessava o corpo dela nesse momento?

Uma pessoa saiu pelo portão de baixo do parque e ficou na faixa de pedestres. O poste na rua iluminou um homem e seu cachorro. Houve uma brecha no trânsito, mas o sujeito que passeava com o cachorro esperou o sinal apitar antes de atravessar a pista dupla. Seguiu as regras.

– **Você não é uma vítima. Você se sente forte, confiante, justa.**

Pouco depois de passar por ela, ele parou. Ruth permaneceu imóvel. Estava a três metros dela quando se abaixou e pôs a alça da coleira do cão debaixo do pé para amarrar o cadarço. Tão perto. O cachorro deu uma olhada na direção dela. Conseguia enxergá-la? Ela não sabia.

– **Está confiante e no controle.**

Pelo mais breve dos segundos, ficou tentada a sair correndo, cravar a faca de cozinha nas costas arqueadas dele e observá-lo cair de cara no chão, mas

resistiu. A visualização tinha chegado ao clímax no beco. Devia manter-se fiel ao plano. Só assim seria livre. Só assim recuperaria sua luz.

– **É uma mulher sozinha atrás de um adulto e não está com medo.**

Saiu das sombras e começou a andar no mesmo ritmo dele, passos atrás. Seu tênis de correr fazia pouco barulho devido a dois carros que passavam em alta velocidade pela rua.

No beco, o som dos passos ficou exposto. Ele tencionou o corpo ao sentir uma presença atrás de si, porém não se virou. Reduziu levemente a velocidade, como se desejasse que o pedestre o ultrapassasse. O que ela não fez.

– **Segura com força uma faca dentro do bolso do casaco.**

Na metade do beco, no exato local que ela havia visualizado, seu batimento cardíaco dobrou o ritmo.

– Com licença – disse ela, surpresa pela calma em sua voz ao repetir as palavras que Alex tinha lhe fornecido.

O corpo do homem relaxou ao som da voz feminina e ele se virou com um sorriso no rosto. Grande erro.

– Você tem horas? – perguntou ela.

A expressão de Ruth permaneceu aberta ao confrontar o rosto dele. O estupro tinha sido por trás e seus traços faciais não significavam nada para ela. Foi o som que a transportou de volta. Ele respirava com dificuldade por causa da caminhada com o cachorro. Era um som de que se lembrava muito bem em seu ouvido enquanto ele rasgava suas entranhas.

O homem usou a mão direita para descobrir o relógio debaixo do punho elástico da jaqueta.

– Agora são....

A faca mergulhou no abdômen dele com facilidade, percorrendo sua jornada através de carne, músculo e órgãos palpitantes. A lâmina virou para o alto e se deparou com o osso quando ela a empurrou para cima. Girou a faca lentamente, esmigalhando tudo em seu caminho, como um liquidificador. Sua mão encostou brevemente na barriga dele e não pôde seguir em frente.

– **Sente a carne dele na sua, mas, desta vez, é você quem dita as regras.**

Uma sensação de êxito a inundou ao retirar a lâmina da barriga. A necessidade de empurrar e girar a faca para superar a resistência tinha sido gratificante.

– ***Você observa a lamacenta poça de sangue e sabe que o controle dele se foi.***

Suas pernas bambearam quando ela agarrou a ferida com a mão direita. Sangue escorria pelos dedos separados. Ele apertou mais. Olhou para baixo, desnortado, depois dentro dos olhos dela, e novamente para baixo, como se incapaz de compreender os incidentes incompatíveis: a presença dela e o ferimento à faca.

***Assume novamente o controle, o seu destino, a sua luz.***

Ele piscava rapidamente, durante um segundo sua visão clareou e ele paralisou.

Todos os sentidos de Ruth ficaram muito aguçados. Um caminhão trovejou ao final do beco. O som incendiou seus ouvidos. Seu estômago revirou quando um forte cheiro metálico preencheu suas narinas. O cachorro choramingava e não fugiu.

***Assume novamente o controle, o seu destino, a sua luz.***

Ruth levou a faca atrás e a mergulhou novamente. A segunda penetração não foi tão profunda, mas a força o empurrou para trás. Um baque surdo repugnante ressoou quando a parte de trás de seu crânio bateu no concreto.

***Assume novamente o controle, o seu destino, a sua luz.***

Alguma coisa não estava dando certo. Faltava-lhe um detalhe crucial. Na visualização, seu corpo tinha se enchido de paz, calma. Ela ergueu-se por cima do corpo contorcido e enfiou novamente a faca na carne. Ele gemeu, e Ruth o esfaqueou de novo.

Deu um chute na perna esquerda dele.

– Levanta, levanta, levanta – gritou ela, porém a perna continuou inerte como o resto do corpo.

***Assume novamente o controle, o seu destino, a sua luz.***

– Levanta, porra. – Ela mirou um chute nas costelas. Sangue esguichou pela boca aberta. Seus olhos reviraram para trás enquanto se contorcia como

uma mamífero demente. O cachorro corria ao redor da cabeça, aparentemente sem saber o que fazer.

Lágrimas rolaram pelas bochechadas de Ruth.

– Me dá, seu escroto. Me devolve – ordenou ela.

O corpo permaneceu imóvel e o beco silenciou.

Ruth reergueu-se e ficou totalmente de pé.

Enquanto o sangue empoçava como tinta derramada debaixo do corpo sem vida, Ruth aguardava.

Onde estava o alívio?

Onde estava a salvação?

Onde estava a porcaria da luz?

O cachorro latiu.

Ruth Willis se virou e correu para salvar sua vida.

## CAPÍTULO 8

**COMEÇOU COM UM CORPO**, Kim pensou, saindo do Golf GTI.

– Quase acertou o rapaz lá, chefe – comentou Bryant sobre o guarda que tinha dado um salto de lado para evitar o capô do carro.

– Eu estava a quilômetros de distância dele.

Ela abaixou o corpo para passar debaixo da fita que isolava o local e seguiu na direção do monte de jaquetas fluorescentes aglomeradas ao lado da barraca branca. A Thorns Road, de pista dupla, era parte da ligação principal entre Lye e Dudley Town.

Um lado da rua era composto sobretudo por um parque e algumas casas. O outro, dominado por uma academia, uma escola e o pub Thorns.

---

Fim da amostra deste eBook.

Você gostou?

[Compre agora](#)

ou

[Veja mais detalhes deste eBook na Loja Kindle](#)

---

00000>